

Max Weber

**A ÉTICA
PROTESTANTE
E O ESPÍRITO
DO
CAPITALISMO**

Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais

CAPÍTULO II

O Espírito do Capitalismo

CRÍTICA AO
CONCEITO DE
MP DE
MARX

No título deste estudo é usada a expressão pretenciosa, o *espírito* do capitalismo. O que se deve entender por ela? A tentativa de lhe atribuir qualquer coisa semelhante a uma definição acarreta certas dificuldades que estão na própria natureza deste tipo de investigação.

Se puder ser encontrado algum objeto ao qual este termo possa ser aplicado com algum significado compreensível, ele apenas poderá ser uma individualidade histórica, isto é, um complexo de elementos associados na realidade histórica, que unimos em um todo conceptual do ponto de vista de um significado cultural.

Tal conceito histórico, entretanto, uma vez que se refere em seu conteúdo a um fenômeno significativo por sua individualidade única não pode ser definido segundo a fórmula *genus maximum, differentia specifica*, mas deve ser gradualmente estruturado a partir das partes individuais tomadas à realidade histórica que o institui. Assim, o conceito final e definitivo, não pode figurar no início da investigação, mas deve surgir ao seu término. Em outras palavras, devemos desenvolver no curso da discussão, como seu resultado mais importante, a melhor formulação conceptual do que entendemos aqui por espírito do capitalismo, isto é, a melhor do ponto de vista que aqui nos interessa. Este ponto de vista (do qual falaremos posteriormente) ademais, não é, de modo algum, o único possível, a partir do qual o fenômeno histórico que estamos investigando possa ser analisado. Certos pontos de vista estabeleceriam, também, para este como para qualquer outro fenômeno histórico, outras características. Resulta disso não ser necessário entender por espírito de capitalismo somente aquilo que ele

virá a significar para nós, para os propósitos de nossa análise. Isto é um resultado necessário da natureza dos conceitos históricos que tentam abarcar para suas finalidades metodológicas a realidade histórica não em fórmulas gerais abstratas, mas em conjuntos genéticos de relações, que são inevitavelmente de caráter individual e especificamente único.

Assim, a tentativa de determinação do objeto, cuja análise e explanação histórica estamos tentando, não pode ser feita na forma de uma definição conceptual, mas, pelo menos inicialmente, deve apenas ser uma descrição provisória do que aqui se entende por espírito de capitalismo. Tal descrição é, todavia, indispensável à clara compreensão do objeto da investigação. Com esta finalidade, voltamo-nos para um documento deste espírito, que contém aquilo que procuramos numa pureza quase clássica e que, ao mesmo tempo, apresenta a vantagem de ser livre de qualquer relação direta com a religião, estando assim, para os nossos objetivos, livre de preconceitos.

“Lembra-te de que *tempo* é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins por dia por seu trabalho e vai passear, ou fica vadiando metade do dia, embora não despenda mais do que seis pence durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais”.

“Lembra-te de que o *crédito* é dinheiro. Se um homem permite que seu dinheiro permaneça em minhas mãos por mais tempo do que é devido, ele me concede os juros, ou o quanto eu possa fazer com ele durante este tempo. Isto atinge uma soma considerável, quando um homem tiver um bom e largo crédito, e fizer bom uso dele.

“Lembra-te de que o dinheiro é de natureza prolífica, procriativa. O dinheiro pode gerar dinheiro e seu produto pode gerar mais, e assim por diante. Cinco xelins em giro são seis; novamente empregados, são sete e três pence, e assim por diante, até atingir cem libras. Quanto mais houver dele, mais ele produz em cada turno, de modo que o lucro aumenta cada vez mais rapidamente. Aquele que mata uma porca prenhe destrói toda uma prole até a milésima geração. Aquele que

desperdiça uma coroa, destrói tudo o que ela poderia ter produzido, um grande número de libras.

"Lembra-te deste refrão: *"O bom pagador é dono da bolsa alheia.* Aquele que é conhecido por pagar pontual e exatamente na data prometida, pode em qualquer momento levantar tanto dinheiro quanto seus amigos possam dispor. Isto é às vezes de grande utilidade. Depois da industriiosidade e da frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que a pontualidade e a justiça em todos seus negócios; portanto, nunca conserves dinheiro emprestado uma hora além do tempo prometido, senão um desapontamento fechará a bolsa de teu amigo para sempre.

"As mais insignificantes ações que afetem o crédito de um homem devem ser consideradas. O som de teu martelo às cinco da manhã, ou às oito da noite, ouvido por um credor o fará conceder-te seis meses a mais de crédito; ele procurará, porém, por seu dinheiro no dia seguinte, se te vir em uma mesa de bilhar ou escutar tua voz, em uma taverna, quando deverias estar no trabalho; exigi-lo-á de ti antes de que possas dispor dele.

"Isto mostra, além do mais, que estás consciente do que possuis; fará com que pareças um homem tão cuidadoso quanto honesto e isto ainda aumentará mais o teu crédito.

"Guarda-te de pensar que tens tudo o que possuis e de viver de acordo com isto. Este é um erro em que caem muitos que têm crédito. Para evitá-lo, mantém por muito tempo um balanço exato tanto de tuas despesas quanto da tua receita. Se tiveres o cuidado de, inicialmente, mencionar as particularidades isso terá o seguinte efeito salutar: descobrirás como as mínimas e insignificantes despesas se amexam em grandes somas, e discernirás o que poderia ter sido e o que poderá ser economizado para o futuro, sem grandes inconvenientes.

"Por seis libras anuais poderás ter o uso de cem libras, uma vez que sejas um homem de conhecida prudência e honestade".

"Aquele que gasta inutilmente um "groat"* por dia, desperdiça mais de seis libras por ano, que é o preço do uso de cem libras".

Aquele que desperdiça o valor de um "groat" do seu tempo por dia, um dia após o outro, desperdiça o privilégio de usar cem libras todos os dias".

"Aquele que inutilmente perde o valor de cinco xelins, perde cinco xelins e poderá com a mesma prudência, atirar ao mar cinco xelins".

"Aquele que perde cinco xelins, não perde somente esta soma, mas todo o proveito que, investindo-a, dela poderia ser tirado, e que durante o tempo em que um jovem se torna velho, integraria uma considerável soma de dinheiro".

É Benjamin Franklin¹ quem nos prega nestas sentenças, o que Ferdinand Kürnberger satiriza em sua arguta e maliciosa *Retrato da Cultura Americana*** como a suposta confissão de fé do yankee. Ninguém duvidará que é o "espírito do capitalismo" que aqui se expressa de forma característica, muito embora esteja longe de nós o desejo de afirmar que tudo que possa ser entendido como pertinente a este "espírito" esteja nele contido. Detenhamo-nos um momento para considerar esta passagem, cuja filosofia foi resumida por Kürnberger nas seguintes palavras: "Eles arrancam sebo do gado e dinheiro dos homens". Assim, a peculiaridade desta filosofia da avareza parece ser o ideal de um homem honesto, de crédito reconhecido e, acima de tudo, a idéia do dever de um indivíduo com relação ao aumento de seu capital, que é tomado como um fim em si mesmo. Na verdade, o que é aqui pregado não é uma simples técnica de vida, mas sim uma ética peculiar, cuja infração não é tratada como uma tolice, mas como um esquecimento do dever. Esta é a essência do problema. O que é aqui preconizado não é mero bom senso comercial — o que não seria nada original — mas sim um *ethos*. Esta é a qualidade que nos interessa.

Quando Jacob Fugger, falando a um associado que se aposentara e que desejava persuadi-lo a fazer o mesmo — uma vez que já acumulara dinheiro suficiente e que deveria deixar

* Velha moeda inglesa de prata, cujo valor era de 4 "pence".

** No original *amerikanische Kulturbilde*.

que outros também fizessem o mesmo, rejeitara essa idéia como "pusilânime" e responde que ele (Fugger) pensa diferentemente, quer ganhar dinheiro enquanto puder.³ O "espírito" dessa afirmação é evidentemente bem diferente daquele das de Franklin. O que no primeiro caso é uma expressão de ousadia comercial e uma inclinação pessoal moralmente neutra,⁴ no segundo assume um caráter ético de máxima orientadora da vida. O conceito espiritual do capitalismo é aqui usado neste sentido específico,⁵ evidentemente do capitalismo moderno.

Do modo pelo qual o problema está colocado, é óbvio que estamos falando do capitalismo da Europa Ocidental e do norte-americano. "Capitalismo" houve na China, na Índia, na Babilônia, na Antiguidade Clássica, na Idade Média. Mas, em todos estes casos faltava como veremos, este ethos particular.

Com efeito, todas as atitudes morais de Franklin são coloridas pelo utilitarismo. A honestidade é útil porque assegura o crédito; do mesmo modo a pontualidade, a laboriosidade, a frugalidade, e, esta é a razão pela qual são virtudes. Uma dedução lógica disto seria que, por exemplo, a aparência de honestidade bastaria quando fizesse o mesmo efeito, e um guia supérfluo dessa virtude evidentemente, pareceria a Franklin um desperdício improdutivo. E na verdade, quem ler na sua autobiografia a estória de sua "conversão" a estas virtudes⁶ ou a discussão do valor da estrita manutenção da aparência de modéstia, a depreciação assídua dos próprios méritos com a finalidade de obter, posteriormente, reconhecimento geral,⁷ chega obrigatoriamente à conclusão de que segundo Franklin, estas virtudes somente o são na medida em que são realmente úteis ao indivíduo, e sendo substituíveis pela mera aparência, sempre são suficientes quando o mesmo objetivo tiver sido atingido. É esta uma conclusão inevitável ao utilitarismo estrito. A impressão de muitos alemães de que as virtudes professadas pelo americanismo sejam hipocrisia parece ter sido confirmada por este caso. Na realidade, todavia, o problema não é, de modo algum, tão simples. O caráter de Benjamin Franklin, tal como aparece na conduta realmente fora do comum de sua autobiografia, prova ser falsa esta suspeita. A circunstância dele atribuir seu reconhecimento de utilidade da virtude a uma revelação divina que pretendia conduzi-lo ao caminho da honestidade, mostra que aqui está envolvida al-

guma coisa mais do que mera ornamentação de máximas puramente egocêntricas.

De fato, o *summum bonum* desta "ética", a obtenção de mais e mais dinheiro, combinada com o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida é, acima de tudo, completamente destituída de qualquer caráter eudemonista ou mesmo hedonista, pois é pensado tão puramente como uma finalidade em si, que chega a parecer algo de superior à "felicidade" ou "utilidade" do indivíduo, de qualquer forma algo de totalmente transcendental e simplesmente irracional.⁸ O homem é dominado pela produção de dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última da sua vida. A aquisição econômica não mais está subordinada ao homem como meio de satisfazer suas necessidades materiais. Esta inversão do que poderíamos chamar de relação natural, tão irracional de um ponto de vista ingênuo, é evidentemente um princípio orientador do capitalismo, tão seguramente quanto ela é estranha a todos os povos fora da influência capitalista. Mas, ao mesmo tempo, ela expressa um tipo de sentimento que está inteiramente ligado a certas idéias religiosas. Ante a pergunta: por que se deveria "fazer dinheiro do ganho dos homens?" o próprio Benjamin Franklin, embora fosse um deísta pouco entusiasta, responderia em sua autobiografia com uma citação da Bíblia, com que seu pai, intransigente calvinista, sempre o assediou em sua juventude: "Se vires um homem diligente em seu trabalho, ele estará acima dos reis".* Ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação; e estas virtude e eficiência são, como não é difícil de se ver agora, os verdadeiros *alfa* e *ômega* da ética de Franklin, tal como é expressa nas passagens que citamos assim como, sem exceção, em todos seus trabalhos.⁹

E, na verdade, esta idéia peculiar do dever profissional, tão familiar a nós hoje, mas, na realidade, tão pouco evidente, é a mais característica da "ética social" da cultura capitalista, e, em certo sentido, sua base fundamental. É uma obrigação que o indivíduo deve sentir e que realmente sente, com relação ao conteúdo de sua atividade profissional, não importando no que ela consiste e particularmente, se ela aflora com uma

* Prov., XXII, 9.

utilização de seus poderes pessoais ou apenas de suas possesões materiais (como "capital").

Esta concepção, naturalmente, não apareceu apenas sob condições capitalistas. Pelo contrário, buscaremos posteriormente sua origem em épocas muito mais remotas. Ainda menos, naturalmente, quer se afirmar que a aceitação subjetiva destas máximas éticas por seus usuários individuais, quer se trate dos empreendedores quer dos trabalhadores das modernas empresas capitalistas, seja uma condição da futura existência do capitalismo atual. A empresa dos dias atuais é um imenso cosmos, no qual o indivíduo nasce, e que se apresenta a ele, pelo menos como indivíduo, como uma ordem de coisas inalterável, na qual ele deve viver. Obriga o indivíduo, na medida em que ele é envolvido no sistema de relações de mercado, a se conformar às regras de ação capitalistas. O fabricante que permanentemente se opuser a estas normas será economicamente eliminado, tão inevitavelmente quanto o trabalhador que não puder ou não quiser adaptar-se a elas será lançado à rua sem trabalho.

Assim, o capitalismo, atualmente guiando a liderança da vida econômica de que necessita, pela seleção econômica dos mais aptos — escolhe os empreendimentos e trabalhadores de que tiver necessidade. Aqui, justamente, podem ser percebidas as limitações do conceito de "seleção" como um meio de explanação histórica. Pará que um modo de vida tão bem adaptado às peculiaridades do capitalismo pudesse ter sido selecionado, isto é, pudesse vir a dominar os outros, ele teve de se originar em alguma parte e não apareceu em indivíduos isolados, mas como um modo de vida comum a grupos inteiros de homens. Esta origem é que, realmente, necessita ser explanada. Com referência à doutrina do mais ingênuo materialismo histórico, de que "tais idéias" se originam como um "reflexo" ou como "superestruturas" de situações econômicas, somente podemos opinar mais detalhadamente numa ocasião posterior. Neste ponto, será suficiente para os nossos propósitos chamar a atenção para o fato de que, indubitavelmente, na terra natal de Benjamin Franklin (Massachusetts), o espírito do capitalismo (no sentido que lhe conferimos) estava presente antes do "desenvolvimento capitalista". Já em 1632 havia queixas contra as manifestações específicas de habilidade calculista na busca do lucro ocorridas na Nova Inglaterra,

que assim se distinguiu das outras colônias, na América do Norte. É, além disso, indubitável que o capital permaneceu bem menos desenvolvido em algumas das colônias vizinhas, as quais mais tarde seriam os estados sulinos da federação americana, apesar de terem sido fundadas por grandes capitalistas e por motivos comerciais, enquanto as colônias na Nova Inglaterra foram fundadas por pregadores e por graduados,* com o auxílio de pequenos-burgueses, artesãos e agricultores,** por motivos religiosos. Neste caso, a relação causal é, certamente, a inversa daquela sugerida pelo ponto de vista materialista.

Entretanto, a origem e a história de tais idéias são muito mais complexas do que supõem os teóricos da "superestrutura". O espírito do capitalismo, no sentido em que estamos usando o termo até aqui, teve de lutar por sua supremacia contra todo um mundo de forças hostis. Um estado mental como o expresso nas passagens que citamos de Franklin e que receberam o aplauso de todo um povo, teria sido proscrito como o mais baixo tipo de avareza e como uma atitude inteiramente desprovida de auto-respeito, tanto na Antiguidade como na Idade Média,¹⁰ sendo, geralmente, ainda assim consideradas por todos aqueles grupos sociais que estão pouco envolvidos pelas condições do capitalismo moderno ou pouco adaptados a elas. Isto não se deve inteiramente ao desconhecimento ou ao pouco desenvolvimento, nessas épocas, do instinto de aquisição, como tem sido afirmado freqüentemente; Nem porque a *auri sacra fames*, a avidez de ouro, fosse então, ou seja agora, menos potente fora do capitalismo burguês do que dentro de sua esfera peculiar, como levam a crer as ilusões de modernos românticos. A diferença entre os espíritos capitalista e pré-capitalista não se encontra neste ponto. A voracidade do mandarim chinês, do velho aristocrata romano, do camponês moderno resistem a qualquer comparação. E a *auri sacra fames*

* Weber usa no texto original a expressão inglesa *graduates*. Talcott Parsons, em sua tradução inglesa (*The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, Londres — 1962, George Allen and Unwin Ltd., pág. 56) usa a expressão *seminary graduates*. No sentido contemporâneo, todavia, isto corresponderia a "formados em curso superior". Ver a respeito, por exemplo, Lorenzo Luzuriaga: *op. cit.*, págs. 19-22.

** Em inglês no original: *yeomen*.

de um cocheiro ou de um *barcaiolo* napolitano e, ainda, certamente, a de representantes asiáticos de atividades semelhantes, assim como a dos artesãos de países do sul da Europa e da Ásia é, como qualquer um pode descobrir por si mesmo, muito mais intensa, e, especialmente mais inescrupulosa, por exemplo, do que aquela de um inglês em circunstâncias similares.¹¹

O domínio universal da absoluta inescrupulosidade na utilização de interesses egoístas para obtenção de dinheiro tem sido uma característica específica precisamente daqueles países cujo desenvolvimento capitalista-burguês, medido segundo padrões ocidentais permaneceu "atrasado". Como sabem todos os empregadores, a ausência de *conscienziosità* dos trabalhadores¹² de tais países, como, por exemplo, no caso da Itália quando comparada à Alemanha, tem sido, e até cetro ponto ainda é, um dos principais obstáculos a seu desenvolvimento capitalista. Se o capitalismo não pode, como aprendemos de Franklin, utilizar-se de homens de negócios que pareçam absolutamente inescrupulosos em suas relações com outrem, menos ainda pode fazer uso do trabalho daqueles que praticam a doutrina do *liberum arbitrium* indisciplinado. Assim, a diferença não repousa no grau de desenvolvimento de qualquer impulso de ganhar dinheiro. A *auri sacra fames* é tão velha quanto a história do homem. Veremos, pois, que aqueles que se submeteram a ela sem reservas, num impulso incontrolado — como o capitão de mar holandês que "por lucro passaria pelo inferno, mesmo que nele queimasse as suas velas" — não são absolutamente os representantes daquela atitude mental da qual deriva o espírito capitalista especificamente moderno como um fenômeno de massa, e é o que nos importa. A aquisição impiedosa, onde foi possível, em todos os períodos da história. Tal como a guerra e a pirataria, o comércio tem sido irrestrito em suas relações com estrangeiros e com estranhos ao grupo. A "ética dúplice" permitiu o que era proibido nas relações "entre irmãos". Além disso, a aquisição capitalista aventureira era natural em todos os tipos de sociedade econômica que conhecessem o comércio monetário, e que lhe oferecessem oportunidades, através de *comendas*, da administração de impostos, empréstimos estatais, financiamentos de guerras e de cortes ducais, e postos administrativos. Do mesmo modo, a atitude interior do aventureiro, que se ri de todas as limitações éticas, é universal. A brutalidade na aquisição absoluta e cons-

ciente está freqüentemente na mais íntima conexão com a conformidade mais estrita à tradição. Além disso, com o colapso da tradição, e com a maior ou menor penetração da livre procura de lucros, mesmo dentro do grupo social, essa novidade não foi, de modo geral, justificada eticamente e encorajada, mas apenas colocada como um fato, seja como algo indiferente, seja como algo de desagradável, e infelizmente inevitável. Esta não somente tem sido a atitude normal de todos ensinamentos éticos como também, o que é mais importante, aquilo que é expresso na ação prática do homem médio dos tempos pré-capitalistas — "pré-capitalista" no sentido de que a utilização racional de capital em uma empresa permanente e a organização capitalista racional do trabalho ainda não se tinham tornado as forças dominantes na determinação da atividade econômica. Ora, foi justamente esta atitude um dos mais poderosos obstáculos interiores que a adaptação dos homens a condições de uma economia capitalista-burguesa ordenada tem encontrado em toda parte.

O oponente mais importante contra o qual o "espírito" do capitalismo — no sentido de um estilo de vida normativo baseado e revestido de uma ética — teve de lutar, foi esse tipo de atitudes e reação às novas situações, que podemos designar como tradicionalismo. Também neste caso, qualquer tentativa de uma "definição" final deve ser deixada em suspenso. Por outro lado, devemos tentar esclarecer o sentido provisório citando alguns casos. Começaremos por baixo, com os trabalhadores.

Um dos meios técnicos usados pelo empreendedor moderno a fim de assegurar a maior quantidade possível de trabalho por parte de "seus" homens é o pagamento por tarefa. Na agricultura, por exemplo, a colheita é um caso onde é requerida a maior quantidade possível de trabalho, pois, o tempo estando incerto, a diferença entre os altos lucros e a grande perda pode depender da presteza com que pode ser feito o serviço. Assim, o sistema de pagamento por unidades de produção é quase universal neste caso. E, uma vez que o interesse do empreendedor no apressamento da colheita costuma aumentar em geral com o aumento dos resultados do trabalho e de sua intensidade, naturalmente, tentou-se, repetidas vezes, através da elevação dos termos de acordo, dando aos trabalhadores, por este meio, a oportunidade de ganhar salários

extraordinariamente altos em um curto lapso de tempo, interessá-los em aumentar a sua própria eficiência. Dificuldades peculiares surgiram, porém, dessa situação. A elevação dos termos de acordo não provocou um aumento, mas um decréscimo da produção em um mesmo período. Isto porque o trabalhador reagiu ao aumento pela diminuição, e não pela aumento de sua produção diária. Por exemplo, um homem que à razão de um marco por acre, ceita dois acres e meio por dia, ganhando dois marcos e meio, quando a razão é aumentada para 1,25 marcos por acre, ceifa, não três acres, mas somente dois acres, continuando deste modo a ganhar os dois marcos e meio a que estava acostumado. A oportunidade de ganhar mais era menos atrativa do que a de trabalhar menos. Ele não perguntava: quanto posso ganhar por dia se trabalhar tanto quanto possível, mas, quanto devo trabalhar a fim de ganhar o salário, dois marcos e meio, que ganhara anteriormente e que era suficiente para minhas necessidades tradicionais? Este é um exemplo daquilo que aqui denominamos "tradicionalismo". O homem não deseja "por natureza" ganhar cada vez mais dinheiro, mas simplesmente viver como estava acostumado a viver, e ganhar o necessário para este fim. O capitalismo moderno, onde quer que tenha começado sua ação de incrementar a produtividade do trabalho humano através do incremento de sua intensidade, tem encontrado a infinitamente obstinada resistência deste traço orientador do trabalho pré-capitalista; e, ainda hoje, quanto mais atrasadas estejam (do ponto de vista do capitalismo) as forças de trabalho tanto mais tem de lidar com ela.

Para voltar ao nosso exemplo, já que o apelo ao "instituto aquisitivo" através dos salários mais altos falhou, outra possibilidade óbvia teria sido a de tentar a política oposta, forçando o trabalhador a trabalhar mais para ganhar a mesma soma que recebia antes. Os baixos salários e os altos lucros, mesmo hoje, parecem, a um observador superficial, estar em correlação; tudo o que é gasto em salários parece envolver uma correspondente redução dos lucros. O capitalismo tomou esta via repetidas vezes desde os seus primórdios. Por séculos foi um artigo de fé que os baixos salários eram produtivos, isto é, que incrementavam os resultados materiais do trabalho, tanto que, a este respeito, como veremos, Pieter de la Cour dizia,

há muito tempo, quase no espírito do velho calvinismo, que as pessoas só trabalhavam porque e enquanto são pobres.

A eficiência desse método aparentemente tão produtivo tem, contudo, seus limites.¹³ Naturalmente, a presença de um excesso de população que possa modicamente ser contratada no mercado de trabalho é uma necessidade para o desenvolvimento do capitalismo. Contudo, embora um enorme exército de reserva possa, em certos casos, favorecer sua expansão quantitativa, ele põe em cheque seu desenvolvimento quantitativo, especialmente sua transição para tipos de empresa que façam uso mais intensivo do trabalho. Os baixos salários não são de modo algum idênticos ao trabalho barato. De um ponto de vista puramente quantitativo a eficiência do trabalho decresce com um salário que seja fisiologicamente insuficiente, que pode a longo prazo, equivaler a uma "sobrevivência da incompetência". O silesiano médio atual, quando se esforça ao máximo, ceifa pouco mais do que dois terços da terra que o pomericano ou o meclemburguês mais bem pagos e nutridos, e, quanto mais oriental a procedência do polonês, tanto menor progressivamente é sua produção em comparação à do alemão. Os baixos salários, mesmo de um ponto de vista puramente comercial, falham sempre que houver o problema da produção de mercadorias que requeiram qualquer tipo de trabalho especializado, ou o uso de um maquinário de alto custo facilmente danificável, ou ainda, sempre que uma grande dose de profunda atenção ou de inicitiva seja requerida. Aqui os baixos salários não compensam, e seu efeito é oposto do que se pretendia. Isto porque, não somente é absolutamente indispensável um desenvolvido senso de responsabilidade, mas também geralmente, pelo menos durante as horas de trabalho, uma atitude livre de preocupações constantes, de contínuos cálculos de como poder ganhar o ordenado costumeiro com um máximo de conforto e um mínimo de esforço. O trabalho deve, ao contrário, ser executado como um fim absoluto por si mesmo — como uma "vocação". Tal atitude, todavia, não é absolutamente um produto da natureza. Ela não pode ser provocada por baixos salários ou apenas salários elevados, mas somente pode ser o produto de um longo e árduo processo de educação. Estando com o domínio das rédeas nas mãos o capitalismo, hoje, pode, em todos os países industriais, recrutar sua força de trabalho com relativa facilidade. No passado este era sem-

pre um problema extremamente difícil.¹⁴ E mesmo hoje ele poderia não ter conseguido efeitos satisfatórios se não tivesse o apoio de um aliado poderoso, que, como veremos adiante, estava a seu lado no tempo de seu desenvolvimento.

Um exemplo poderia, novamente, dar a melhor explicação do que aqui se pretende dizer. Uma imagem retrógrada da forma tradicional do trabalho é atualmente apresentada muitas vezes por operárias, especialmente pelas que não são casadas. Uma queixa quase universal dos empregadores de moças, pelo menos no diz respeito às jovens alemães, é a de mostrarem se elas, em geral, desinteressadas e quase incapazes de abandonar métodos de trabalhar herdados ou aprendidos, em favor de outros mais eficientes, de se adaptar a estes novos métodos, de aprender, de concentrar sua inteligência ou mesmo de fazer algum uso dela. Explicações da possibilidade de tornar mais fácil o trabalho, principalmente mais proveitoso a elas, encontram, geralmente, uma completa ausência de compreensão. O incremento da escala de salários choca-se impotente contra a muralha do hábito. O contrário se dá geralmente, e este não é um ponto insignificante de acordo com a nossa visão, apenas com moças com uma formação especificamente religiosa em especial a pietista. Ouve-se freqüentemente, e confirma-o a investigação estatística,¹⁵ que, de longe, as melhores oportunidades de uma educação econômica são inegavelmente encontradas neste grupo. A capacidade de concentração mental, tanto quanto o sentimento de obrigação absolutamente essencial para com o próprio trabalho, estão aqui combinados com uma economia estrita que calcula a possibilidade de altos vencimentos, um autocontrole e uma frugalidade frios que enormemente aumentam a capacidade de produção. Isto fornece uma base das mais favoráveis para a concepção do trabalho como um fim em si, como um valor que é condizente com o capitalismo; as oportunidades de superar o tradicionalismo são aqui muito grandes devido à educação religiosa. Esta observação do capitalismo contemporâneo¹⁶ sugere por si mesmo a validade da interrogação de como esta conexão de adaptabilidade do capitalismo a fatores religiosos pode ter surgido na época do seu desenvolvimento inicial. Que eles estivessem presentes naquela época de forma bastante semelhante à atual, pode ser inferido de numerosos fatos. Por exemplo, o desprezo e a perseguição que os trabalhadores metodistas no século

XVIII sofreram por parte dos seus camaradas não foram somente, nem principalmente, o resultado de suas excentricidades religiosas: a Inglaterra já vira muitas e mais chocantes que aquelas. Deveram-se muito mais, como a destruição de suas ferramentas, repetidas vezes mencionadas em relatos da época, sugere, à sua disposição para o trabalho, como diríamos hoje em dia.

Voltemos, entretanto, novamente ao presente, e desta vez para o empreendedor, a fim de esclarecer o sentimento do tradicionalismo no seu caso. Sombart, em sua discussão da gênese do capitalismo,¹⁷ apontou a "satisfação de necessidades" e a "aquisição" como os dois grandes princípios orientadores entre os quais se desenvolveu a história econômica.

A obtenção das mercadorias necessárias à satisfação das necessidades pessoais, no primeiro caso, e uma luta pelo lucro livre dos limites impostos por necessidades, no segundo, são os fins que controlam a forma e a direção da atividade econômica. O que ele chama de "economia de necessidade" parece, à primeira vista, ser idêntico ao que é descrito aqui como "tradicionalismo econômico". Este é, na verdade, o caso se o conceito de "necessidade" for nivelado ao conceito de "necessidade tradicional". Entretanto, quando isso não ocorre, grande quantidade de sistemas econômicos, que, segundo a definição de capital estabelecida por Sombart, em outra parte de seu trabalho,¹⁸ devem ser considerados capitalísticos, seriam excluídos da categoria de economia aquisitiva e colocados naquela de "economia de necessidade"; nominalmente, também, empresas dirigidas por empreendedores particulares através da utilização de capital (dinheiro ou mercadorias de valor monetário) para fins lucrativos mediante a compra de metade da produção e da venda do produto, isto é, empresas indubitavelmente capitalísticas, podem ter, ao mesmo tempo um caráter tradicional. Mesmo no curso da moderna história econômica, isto não tem sido meramente um evento ocasional, mas, muito mais, a regra, com interrupções contínuas da parte de conquistas, cada vez mais poderosas, do espírito do capitalismo. A forma capitalística de uma empresa e o espírito pelo qual ela é dirigida estão geralmente ligados por alguma relação de adequação, não, porém, numa relação de interdependência necessária. E quando, apesar disso, usarmos provisoriamente a expressão espírito do (moderno) capitalismo¹⁹

para descrever aquela mentalidade que do ponto de vista profissional equivale ao ganho sistemático e racional do tipo do exemplo, apresentado por Benjamin Franklin, isto se justifica pelo fato histórico de que aquela atitude mental tenha por um lado encontrado sua mais condizente expressão na empresa capitalista, enquanto, por outro lado, a empresa derivou sua força impulsora mais adequada do espírito do capitalismo.

Mas, ambas podem muito bem ocorrer separadamente. Benjamin Franklin foi impregnado do espírito do capitalismo numa época em que seus negócios de impressão não diferiam formalmente de qualquer empresa artesanal. E veremos que, nos primórdios dos tempos modernos, os empreendedores capitalistas não eram de modo algum nem os únicos nem os principais empreendedores do patriciado mercantil. Constituíam antes o estrato ascendente da classe média industrial inferior.²⁰ Mesmo no século XX, seus empreendedores clássicos não eram os elegantes cavaleiros de Liverpool e de Hamburgo, com fortunas acumuladas durante gerações, mas, os novos-ricos de Manchester e de Vestefália, que geralmente ascenderam de circunstâncias tão modestas. No século XVI a situação já era semelhante; as indústrias que se projetaram nesta época foram, na sua maioria, criadas por *parvenus*.²¹

A administração, por exemplo, de um banco, de um comércio de exportação atacadista, de um grande estabelecimento varejista, ou de uma empresa que negocie em grande escala com mercadorias produzidos a domicílio só é possível, certamente, na forma de uma empresa capitalista. Não obstante, todas elas podem ser dirigidas por um espírito tradicionalista. Na verdade, um grande banco de emissão não pode ser dirigido de nenhum outro modo. O comércio ultramarino de épocas inteiras teve para base monopólios e privilégios legais de caráter estritamente tradicional. No comércio varejista — e não estamos falando aqui de pequenos indivíduos descapitalizados que estão continuamente implorando a ajuda governamental — a revolução que está pondo termo ao velho tradicionalismo está ainda em plena efervescência. É o mesmo desenvolvimento que dissolveu o velho sistema de produção, ao qual apenas remonta na forma o moderno labor doméstico. Como ocorreu esta evolução e qual é o seu significado, pode

ser novamente apresentado, apesar destas coisas serem tão conhecidas, por um exemplo concreto.

Até mais ou menos meados do século passado, a vida de um produtor, pelo menos em muitos dos ramos da indústria têxtil continental,²² era o que hoje poderíamos considerar muito confortável. Podemos imaginar sua rotina mais ou menos como se segue: os camponeses traziam seus tecidos, geralmente feitos (no caso do linho) principalmente ou estritamente, de matéria prima que eles próprios produziam, à cidade onde vivia o produtor, e depois de uma cuidadosa avaliação da qualidade, freqüentemente oficial, recebiam por ela o preço costumeiro. Os fregueses do produtor para colocação em todas as distâncias maiores eram geralmente intermediários, que, do mesmo modo, vinham a ele na maioria das vezes, não ainda por causa de amostras, mas à procura de qualidades tradicionais e compravam de seu estoque, ou com grande antecedência faziam encomendas que, provavelmente, eram por sua vez transmitidas aos camponeses. O recrutamento pessoal dos fregueses ocorria, se tal, apenas de tempos em tempos, pois, geralmente, bastava a correspondência, com o que a remessa de amostras foi, pouco a pouco, ganhando terreno. O número de horas de trabalho era muito exiguo, talvez cinco ou seis horas por dia, às vezes consideravelmente menos; mais durante a "estação", quando havia esta. Os ganhos eram moderados; o bastante para levar uma vida respeitável e, em boas épocas, pôr de lado um pouco. Globalmente, as relações entre os competidores eram relativamente boas, com um grande grau de acordo quanto às bases do negócio. Uma longa visita diária à taverna, geralmente com abundância de bebidas, e um círculo aprazível de amigos tornavam a vida confortável e prazerosa.

A forma de organização era, em todos os aspectos, capitalistas; a atividade do empreendedor era de caráter puramente comercial; o uso de capital, em giro, no negócio era indispensável; e finalmente, o aspecto objetivo do processo econômico, a contabilidade, era racional. Era, todavia, se se considerar o espírito que animava o empreendedor, um negócio de cunho tradicionalista: o modo de vida tradicional, a taxa tradicional do lucro, a quantidade tradicional do trabalho, a maneira tradicional de regular as relações com o trabalho, o círculo essencialmente tradicional de fregueses e

visas
ideológica

a maneira de atrair novos. Tudo isso dominava a orientação do negócio, colocava-se, pode-se dizer, na base do ethos deste grupo de homens de negócios.

Ora, em determinada época esta vida de lazer foi subitamente convulsionada, e freqüentemente sem nenhuma mudança essencial na forma da organização, tais como a transição para uma fábrica unificada, para a tecelagem, para a mecânica etc. O que sucedeu foi, geralmente, apenas isto: um jovem qualquer, de uma das famílias produtoras sai para o campo, escolhe cuidadosamente tecelões para empregados, aumenta grandemente o rigor de sua supervisão sobre seu trabalho e transforma-os, assim, de camponeses em operários. Por outro lado, começa a mudar seu método de mercado, buscando tanto quanto possível o consumidor final, toma em suas mãos os mínimos detalhes, cuida pessoalmente dos fregueses, visitando-os anualmente, e, principalmente, ajusta diretamente a qualidade do produto às necessidades e desejos destes fregueses. Ao mesmo tempo, ele começa a introduzir o princípio dos "baixos-preços" e de "grande giro". Repete-se aqui, o que sempre e em toda parte é o resultado de um tal processo de "racionalização": aqueles que não fizeram o mesmo, têm que sair do negócio. A situação idílica anterior desmorona sob a pressão de uma luta amarga competitiva, fortunas respeitáveis são feitas e não emprestadas a juros, mas sempre reinvestidas no negócio. A velha atitude de lazer é conforto para com a vida deu lugar à rija frugalidade que alguns acompanharam e com isso subiram, porque não desejavam consumir mas ganhar, enquanto outros, que conservavam o antigo modo de vida, viram-se forçados a reduzir o seu consumo.²³

E, o que é mais importante nessa relação, geralmente em tais casos não foi uma corrente de dinheiro novo investida na indústria que ocasionou estas modificações — em vários casos que conheço todo o processo revolucionário foi posto em movimento com alguns milhares de capital, emprestado de amigos — mas sim, o surgimento de um novo espírito — o "espírito do capitalismo moderno". A questão das forças motivadoras da expansão do capitalismo moderno não é, em primeira instância, uma questão de origem das somas de capital disponíveis para uso capitalístico, mas, principalmente, do desenvolvimento do espírito do capitalismo. Onde ele apa-

rece e é capaz de se desenvolver, ele produz seu próprio capital e seu suprimento monetário como meios para seus fins, e não o inverso.²⁴ Mas sua entrada em cena geralmente não foi pacífica. Um dilúvio de desconfiança, algumas vezes o ódio, e acima de tudo de indignação moral, opôs-se primeiramente ao primeiro inovador. Muitas vezes — tendo conhecimento de vários casos desta espécie — lendas sistemáticas sobre misteriosas nódoas sombrias em sua vida progressa foram inventadas. É muito mais fácil não reconhecer que somente um caráter de força incomum poderia salvar um empresário deste "novo-estilo" de perder seu autocontrole temperado, e de um naufrágio tanto moral como econômico. Além disso, juntamente com a clareza de visão e a habilidade no agir, foi somente em virtude de qualidades "éticas" muito definidas e altamente desenvolvidas, que lhe foi possível angariar a confiança absolutamente indispensável de seus fregueses e trabalhadores. Nada mais lhe poderia ter dado a força de superar os inúmeros obstáculos, e, acima de tudo, o trabalho infinitamente mais intensivo que é exigido do empreendedor moderno. Estas, todavia, são qualidades éticas de um tipo bastante diferente daquelas adaptadas ao tradicionalismo do passado.

E, da mesma forma, não foram ousados e inescrupulosos especuladores, aventureiros econômicos como encontramos em todos os períodos da história econômica, mas simplesmente "grandes financistas" que realizaram esta mudança, aparentemente tão inconspícua, e no entanto tão decisiva na penetração do novo espírito na vida econômica. Foram, pelo contrário, homens que se educaram na dura escola da vida, calculando e arriscando ao mesmo tempo, sóbrios e dignos de confiança, acima de tudo sagazes e completamente devotados a seus negócios, com opiniões e "princípios" estritamente burgueses.

Somos tentados a pensar que estas qualidades morais pessoais não têm a mais superficial relação com quaisquer máximas éticas, para não falar de idéias religiosas, mas que a relação entre elas é negativa. A habilidade de se livrar da tradição comum, um tipo de Iluminismo liberal, parece ser mais possivelmente a base mais adequada para o sucesso de um homem de negócio como este. E hoje, geralmente, é exatamente este o caso. Em geral, não há apenas uma ausência

de qualquer relação entre as crenças religiosas e a conduta, mas também, onde existe alguma, pelo menos na Alemanha, tende a ser do tipo negativo. Tais pessoas, dominadas pelo espírito do capitalismo tendem hoje a ser indiferentes, se não hostis para com a Igreja. A idéia do piedoso aborrecimento do paraíso exerce pouca atuação sobre sua natureza ativa; a religião apresenta-se-lhes como um meio de afastar as pessoas do trabalho neste mundo. Se lhes perguntarem qual o sentido de sua atividade ininterrupta, o porquê da sua constante insatisfação com o que têm, dando assim, a impressão de ser tão desprovida de sentido para qualquer concepção da vida puramente mundana, a resposta, se soubessem de alguma, talvez fosse "para o futuro dos filhos e dos netos". Com mais freqüência, porém, e mais coíretamente, uma vez que essa razão não lhes é peculiar mas tem a mesma eficiência para o homem "tradicional", a resposta seria simplesmente que os negócios com seu trabalho contínuo tornaram-se uma parte necessária de suas vidas. É esta, de fato, a única motivação possível, mas, ao mesmo tempo, expressa o que, do ponto de vista da felicidade pessoal, é tão irracional acerca deste tipo de vida, em que o homem existe em razão de seu negócio, ao invés de se dar o contrário.

Naturalmente, o desejo de poder e de consideração alheia pelo mero fato de riqueza desempenha seu papel. Quando, como nos Estados Unidos, a imaginação de todo um povo foi orientada para a grandeza puramente quantitativa, este romantismo de números exerce atração irresistível sobre os que, dentre os homens de negócios, são "poetas". De maneira geral, não são, entretanto, os verdadeiros líderes nem, especialmente, os empreendedores permanentemente bem sucedidos, os dominados por ela. É, a chegada à fase do domínio patrimonial, e o brasão de família, com os filhos tendo na Universidade e no corpo preparatório de oficiais um comportamento que torna esquecida a sua origem, coisa que se manteria constante durante toda a vida das famílias dos novos ricos capitalistas alemães, pertence completamente a uma fase de decadência ulterior. O tipo ideal²⁵ de empreendedor capitalista como era representado, mesmo na Alemanha, por destacados exemplos individuais, não mantém relação alguma com esta ostentação, ora grosseira, ora refinada. Ele evita a ostentação e as despesas desnecessárias, assim como o gozo

consciente de seu poder, e embaraçam-no os sinais de reconhecimento social que recebe. Em outras palavras, seu modo de vida distingue-se freqüentemente, e teremos que investigar a fundo o significado histórico deste importante fato, por uma certa tendência ascética, como aparece de modo bastante claro na "pregação" de Franklin antes citada. Ter um tipo de modestia, que é essencialmente mais honesta do que a reserva tão estritamente recomendada por Franklin, não lhe é, de modo algum, excepcional, mas muito, mais a regra. Ele não retira nada de sua riqueza para si mesmo, a não ser a sensação irracional de haver "cumprido" devidamente a sua tarefa.

É exatamente isto, porém, que ao homem pré-capitalista parece tão incompreensível e misterioso, tão sem valor e desprezível. Que alguém possa ser capaz de fazer dela a única finalidade de sua vida profissional é de descer à tumba sobre-carregado com um grande fardo material de dinheiro e bens, somente lhe parece explicável como o produto de um instinto perverso, a *auri sacra fames*.

Atualmente, sob nossas individualísticas instituições políticas e econômicas, com as formas de organização e estrutura geral peculiares à nossa ordem econômica, este "espírito" de capitalismo poderia ser, como tem sido dito, compreensível puramente como produto da adaptação. Também o sistema capitalista necessita desta devoção à "vocação" para ganhar dinheiro, pois ela configura uma atitude para com os bens materiais que está tão intimamente adaptada a este sistema, tão intimamente ligada às condições de sobrevivência econômica na luta pela existência, que hoje não pode haver mais dúvida alguma sobre a conexão necessária entre esta maneira crematística de vida e qualquer *Weltanschauung* isolada.

Com efeito ela realmente não necessita mais do suporte de qualquer força religiosa e sente que a influência da religião sobre a vida econômica, através de normas eclesásticas, na medida em que ainda seja sentida, é tão prejudicial quanto a regulamentação pelo Estado. Em tais circunstâncias, a conjuntura econômico-política e político-social tendem a determinar-lhe a *Weltanschauung*. Quem não adaptar sua maneira de vida às condições de sucesso capitalista é sobrepujado, ou pelo menos não pode ascender. Estes, porém, são fenômenos de uma época em que o capitalismo moderno tornou-se dominante e emancipou-se de seus antigos suportes. Mas, as-

sim como, em certa época, somente lhe foi possível destruir as velhas formas de regulamentação medieval da vida econômica aliando-se ao crescente poder do Estado moderno, poder-se-á dizer provisoriamente que o mesmo pode ter-se dado quanto às suas relações com as forças religiosas. Se êste foi ou não o caso, e em que sentido o foi, é a nossa tarefa investigar. Porque é quase desnecessário provar que a concepção de ganhar dinheiro como um fim em si, ao qual as pessoas estiveram ligadas, como a uma vocação, foi contrária aos sentimentos éticos de épocas inteiras. O dogma *Deo placere vix potest* que foi incorporado à lei canônica e aplicado às atividades mercantis, e que nesta época (de acordo com a passagem do evangelho acerca dos juros)²⁶ era considerado genuíno, assim como a caracterização por São Tomás do desejo de lucro como *turpitude* (termo que inclui o lucro inevitável e, portanto, eticamente justificado) continham já um alto grau de concessão da parte da doutrina católica aos poderes financeiros com os quais a Igreja tinha, nas cidades italianas,²⁷ relações políticas bastante íntimas, quando comparadas aos pontos de vista muito mais radicalmente anticrematísticos de círculos comparativamente mais amplos. Mas, mesmo onde a doutrina estava ainda mais bem acomodada aos fatos, como por exemplo, em Antônio de Florença, o sentimento nunca desapareceu totalmente. Aquela atividade dirigida para a aquisição e pela aquisição, era, no fundo, um *pudendum* que devia ser tolerado, somente por causa das necessidades inalteráveis da vida neste mundo.

Alguns éticos daquele tempo, especialmente da escola nominalista, aceitaram como fato o desenvolvimento de formas de negócio capitalista e tentaram, não sem contradições, justificá-las, mais especialmente o comércio, como necessárias, e, a "indústria" que nele se desenvolveu, como fonte de lucros legítima e eticamente inquestionável. Mas, o espírito da aquisição capitalista era rejeitado como *turpitude* pela doutrina dominante, ou pelo menos não era encarado como eticamente justificável. Uma atitude ética como a de Benjamin Franklin seria simplesmente impossível ser imaginada. Está era, principalmente, a atitude dos próprios círculos capitalistas. Enquanto estiveram presos à tradição da Igreja, sua vida profissional foi, na melhor das hipóteses, algo moralmente indifferente ou tolerado, mas, em todo o caso, por causa do

constante perigo de choque com a doutrina da Igreja sobre a usura, algo perigoso para a salvação. Somas bastante consideráveis, como mostram as fontes, iam como dívida de consciência para instituições religiosas e às vezes até voltavam a antigos devedores como usura que lhes tinha sido injustamente arrebatada. Isto se passava diversamente, ao lado da heresia e de outras tendências verberadas somente naqueles círculos da aristocracia comercial que já estavam emancipados da tradição. Todavia, mesmo os céticos e as pessoas indiferentes à Igreja costumavam reconciliar-se com ela através de presentes, porque isto era um tipo de seguro contra as incertezas do que poderia vir após a morte ou porque (pelo menos de acordo com um ponto de vista muito espalhado posteriormente) uma obediência externa aos comandos da Igreja era suficiente para garantir a salvação.²⁸ Aqui, tanto o caráter amoral como o imoral de sua ação, na opinião dos próprios participantes, aparece claramente.

Como é que uma atividade, que era, na melhor das hipóteses, eticamente tolerada, transformou-se em uma vocação no sentido de Benjamin Franklin? Como se explica historicamente o fato de no centro mais altamente capitalista daquela época, em Florença, nos séculos XIV e XV — o mercado de dinheiro e de capital de todos os grandes poderes políticos — fosse considerado eticamente perigoso, ou fosse quando muito tolerado, aquilo que, nas retrógradas circunstâncias pequeno-burguesas da Pensilvânia do século XVIII, onde a economia se via ameaçada, pela simples falta de dinheiro, a regredir ao primitivo estágio de troca, onde dificilmente havia um sinal de grande empresa, onde podiam ser encontrados apenas os primórdios de um sistema bancário, a mesma coisa fosse considerada moralmente digna de louvor e pudesse mesmo equivaler a uma norma de vida? Falar aqui de um reflexo das condições "materiais" sobre a "superestrutura ideal" seria patentemente insensato. De que rol de idéias originava-se a concepção de uma atividade dirigida para lucros, encarada como uma vocação para a qual o indivíduo se sentisse com obrigações? Por que foi esta idéia que determinou o modo de vida do novo empreendedor, sua fundamentação ética e sua jurisdição?

A tentativa de descrever o racionalismo econômico como a feição mais destacada da vida econômica como um todo tem

TE
HBR

sido feita particularmente por Sombart, muitas vezes através de observações judiciosas e efetivas. Justificadamente, sem dúvida, se por isto se entender a extensão da produtividade do trabalho que, através da subordinação do processo de produção a pontos de vista científicos, o tem aliviado de sua dependência das limitações orgânicas naturais ao indivíduo humano. Este processo de racionalização no campo da ciência e da organização econômica determina indubitavelmente uma parte importante dos "ideais da vida" da moderna sociedade burguesa. O trabalho a serviço de uma organização racional para o abastecimento de bens materiais à humanidade, sem dúvida, tem-se apresentado sempre aos representantes do espírito do capitalismo como uma das mais importantes finalidades de sua vida profissional. Basta, por exemplo, ler a relação que faz Franklin dos seus esforços a serviço dos melhoramentos comunais em Filadélfia para compreender claramente esta virtude óbvia. E a alegria e o orgulho de "ter dado emprêgo" a numerosas pessoas, de ter participado do "florescimento" econômico de sua cidade natal, no sentido referente ao tamanho da população e ao volume de comércio que o capitalismo associou à palavra, todas estas coisas obviamente são parte das indubitavelmente "idealísticas" satisfações da vida para os modernos homens de negócios. Similarmente, ela é uma das características fundamentais de uma economia capitalista individualista, racionalizada com base no cálculo rigoroso, dirigida com previsão e atenção para o sucesso econômico que é procurado, em chocante contraste, com a precária existência do camponês e com o tradicionalismo privilegiado do artesão da guilda e do "capitalismo aventureiro", orientado na exploração de oportunidades políticas e na especulação irracional.

Poderia, assim, parecer que o desenvolvimento do espírito do capitalismo seria melhor entendido como parte do desenvolvimento do racionalismo como um todo, e poderia ser deduzido da posição do racionalismo quanto aos problemas básicos da vida. Nesse processo, o protestantismo deveria apenas ser considerado à medida que se constituiu num "estágio historicamente anterior" ao desenvolvimento de uma filosofia puramente racional. Qualquer tentativa séria, porém, de desenvolver esta tese evidencia que, um modo tão simples de colocar a questão não daria resultado simplesmente por causa

do fato de a história do racionalismo apresentar um desenvolvimento que absolutamente não segue linhas paralelas nos vários setores da vida. A racionalização do Direito Privado, por exemplo, se considerada como uma simplificação lógica e como uma reorganização do conteúdo do Direito, foi atingida no mais alto grau conhecido até agora pelo Direito Romano da baixa Antiguidade Clássica. Permaneceu, porém, mais atrasado em alguns dos países com o mais alto grau de racionalização econômica, notadamente na Inglaterra, onde o Renascimento do Direito Romano foi superado pelo poder das grandes corporações, ao passo que ele sempre reteve sua supremacia nos países católicos da Europa meridional. A filosofia racional e laicizante do século XVIII não foi acolhida favoravelmente, principalmente nos países de mais alto desenvolvimento capitalista. As doutrinas de Voltaire até hoje são propriedade comum das camadas superiores, e, o que é praticamente mais importante, dos grupos de classe média nos países católicos-romanos. Finalmente, se sob a denominação de racionalismo prático foi compreendido o tipo de atitude que encara e julga o mundo conscientemente em termos dos interesses mundiais do ego individual, então esta visão da vida foi e é a peculiaridade especial de povos do *liberum arbitrium*, como os italianos e os franceses.

Já nos convencemos, todavia, que este não é de modo algum o solo no qual esta relação de um homem com sua vocação como uma obrigação, que é necessária ao capitalismo, se desenvolveu preeminentemente. De fato, pode-se — e esta simples proposição, freqüentemente esquecida, poderia ser colocada no início de todo estudo que tente lidar com o "racionalismo" — "racionalizar" a vida de pontos de vista básicos, fundamentalmente diferentes e em direções muito diferentes. O "racionalismo" é um conceito histórico que engloba todo um mundo de componentes diversos. Será nossa tarefa descobrir quem foi o pai intelectual da forma concreta particular de pensamento "racional", da qual se desenvolveu a idéia de uma "vocação" e a divisão do trabalho na vocação, que é, como vimos, tão irracional do ponto de vista de um auto-interesse puramente eudemonista, mas que tem sido, e ainda é, um dos elementos mais característicos de nossa cultura capitalista. Estamos aqui particularmente interessados na origem do elemento irracional que precisamente se ausenta nesta, como em toda concepção de "vocação".